

Fiódor Dostoiévski – Um pequeno herói e A Aldeia Stépanchikovo e seus habitantes

Um pequeno herói

Enquanto cumpria pena de prisão, Dostoiévski consegue fugir da angústia e da solidão ao se transportar para o corpo de um menino de onze anos, e nessa personagem pode viver a liberdade de se deitar na grama banhando-se nos raios do sol, redescobrir as sensações de um primeiro amor, correr pela casa e pelos jardins sem prestar contas a um pai ou uma mãe, e aprontar as estripulias que apenas uma criança livre pode fazer. Esse exercício libertador que o escritor praticou rende frutos ainda hoje, quando seus leitores não se transportam mas são transportados, e depois de duas ou três páginas já não se lembram mais quem são, se tornam todos garotinhos de 11 anos em uma casa de campo, curtindo o verão.

Diante da leveza de todo o texto desta pequena novela, impressiona o fato de ter sido produzida na prisão, com o detalhe de ter sido escrita antes da trágica experiência diante do pelotão de fuzilamento pelo qual Fiódor passou, e que marcou sua obra e sua vida, tornando-o um autor de textos mais duros e comprometidos não mais com o romantismo do início de seu século, mas com o objetivo social da literatura realista que marcaria o fim do séc. XIX e início do XX. Após o retorno da Sibéria teríamos obras como *Humilhados e Ofendidos* e *Notas do Subsolo*, onde não mais correríamos atrás de loiras belíssimas, antes viveríamos a dor do homem russo que na visão dos intelectuais como Dostoiévski era o único agente capaz de retomar o controle sobre o desordenado império.

Um pequeno herói não tem objetivo social, político ou até mesmo filosófico. Com sua beleza e leveza pode elevar o leitor a pensar sobre cada um desses temas, afinal é inegável o poder inspirador da letra que narra o que *parecia uma festa que começara com o propósito de não acabar nunca*, e tudo isso na visão de um garotinho com pouco menos de onze anos. A proposta do livro é por si despretensiosa, o que não prende o leitor antes o permite ir aonde quiser, ainda que seja apenas a um *passeio a cavalo pelos arredores*, como é descrito ainda na primeira página. Nas seguintes teremos a primeira paixão, e a segunda logo em sequência, quando após se deter hipnotizado diante de *uma loira fascinante, com uma cabeleira tão basta e exuberante como jamais vira antes* (nos longos 10 anos de vida!), nosso herói vislumbra a amiga de sua beldade, Madame M*, *muito formosa e em cuja beleza havia algo especial que a distinguiu quase nitidamente de uma multidão de mulheres bonitas*.

Em com sua nova musa inspiradora de sonhos infantis, nosso pequeno herói se depara com uma realidade que não lhe choca por ser tão criança, mas que na mentalidade de qualquer homem mais maduro de seu tempo (e veremos isso em *A Aldeia de Stépanchikovo*) seria um escândalo: o pequeno flagra em meio ao bosque o encontro de Madame M* com um enamorado, sendo ela mulher casada. Do encontro proibido surge um bilhete, dado pelo cavaleiro à jovem que, estonteada volta para casa e pelo caminho deixa cair o bilhete (sequer lido!). Se a jovem tinha os pensamentos nas nuvens, nosso garotinho sem nome os tem bem ao chão, ou melhor aos pés de sua beldade duplamente compromissada. Encontra o bilhete e se lança em corrida para entrega-lo à sua real proprietária, ainda mais por entender que ao dar conta da perda do bilhete a moça entraria em pânico, afinal alguém poderia encontrar e daí a trapaça romântica iria do papel para a boca do povo e... adeus Madame M*. É a parte final do livro onde o leitor encontra um êxtase literário que, lembre-se, foi produzido na prisão. Dostoiévski coloca seu pequeno galante em redor da aflita Madame M*, rodeando em busca de uma forma de lhe devolver o bilhete sem que ela perceba que ele sabe do que se trata. Tem o menino a ideia de colher flores

e montar um buquê, para dentro dele esconder o bilhete dourado, e aí temos uma viagem pela flora daquele bosque belíssimo:

Não tardei a colher o meu buquê, simples e modesto. Teria sido uma vergonha levá-lo para dentro de casa; mas com que alegria batia-me o coração ao juntar as flores e até-las! A rosa brava e o jasmim-do-mato colhi naquele mesmo lugar. Sabia que por perto dali havia um campo de centeio em maturação. Corri ara lá atrás de centáureas. Misturei-as com umas espigas compridas de centeio, escolhendo as mais douradas e viçosas. Ali mesmo, por perto, deparei-me com um ninho inteiro de miosótis, e meu buquê já começava a ficar completo.

Segue a descrição da composição do buquê que ainda contou com lírios-d'água, folhas de bordo, amores-perfeitos e violetas, todos atados com fibras longas de capim. A prisão prende o corpo, mas não prende a alma, e de dentro da cadeia nosso romancista consegue buscar na infância e no campo a pureza de jovens flores.

A Aldeia de Stépantchikovo e seus habitantes

O primeiro romance perfeitamente estruturado de Fiódor Dostoiévski. Quem lê o autor desde sua primeira obra e chega no *A aldeia*, sente facilmente como aqui temos um autor escrevendo profissionalmente dentro de uma escola de literatura. O romance tem a disposição das personagens, a descrição do local onde se passará a história e essas descrições sendo feitas pelo jovem narrador, que no futuro olha para trás e nos situa junto de si na aldeia que mais parece um hospício. Esse é um romance com começo, meio e fim muito diferente de *O Duplo* ou *Niérotchka*, onde o leitor precisa saborear o desenrolar da história, exercitando uma habilidade literária abandonada nas últimas décadas, onde a escrita pedagógica criou um leitor preguiçoso que não vê o texto como um propiciador de prazer, mas um narrador de uma história prática, onde o que interessa é o fim, a última página (não à toa temos os leitores que não conseguem ler uma obra inteira sem primeiro, dar uma olhadela no fim).

A aldeia foi pensado por cerca de cinco anos antes de ser concluído, e esse processo – comum na obra do autor – pode facilmente acarretar em um texto truncado, o que não se vê aqui justamente por se tratar de um romance profissionalizado: escrito sob encomenda; pensando por anos; enviado aos editores para pré-avaliação; revisado e só então publicado. Todo o processo em torno desse título é “da forma que deveria ser”, e não é por outro motivo que temos um material “redondo” para ser degustado de uma vez pelo leitor.

Nas críticas que pude ler não encontrei porém uma leitura que facilmente pode ser feita ao se estudar a história da Rússia, a de que *A aldeia* [hospício] é um retrato da própria Rússia, com todos os seus vícios e manias, trejeitos e cultura. Entendendo a aldeia entende-se também a Rússia, e o final é claramente uma conclusão de que os loucos que compuseram a obra, ao fim e ao cabo também tem um pouco de gente comum, e como todo e qualquer um, são compreendidos quando tudo vai bem. Após a cena da benção matrimonial de Fomá sobre as mãos unidas do Coronel e Nástienka, ninguém mais odeia o Napoleãozinho da aldeia, pelo contrário não apenas o suportam como até passam a rir de seus ataques. O mesmo recurso é utilizado por Dostoiévski em *Gente Pobre* quando Makar, que passa toda a história se lamuriando, recebe os trezentos rublos de sua excelência e, a partir daí, vê tudo com outros olhos e até o clima de Petersburgo muda, continuando cinza mas não significando mais tristeza mas sim tradição, e também seus vizinhos que lhe aborreciam são agora pessoas até bondosas,

verdadeiras almas russas que conseguem mostrar o melhor do homem mesmo vivendo na miséria.

Dostoiévski escreve *A aldeia* após sua prisão na Sibéria, e foi lá que formatou mentalmente o que aqui temos representado em uma dezena de personagens, todos vivendo em um mesmo local em um espaço curto de apenas 48 horas. Esse resumo da história (de um romance de tamanho respeitável) sintetiza o que o prisioneiro intentou por anos apresentar a seu povo, e imaginar que a mente criativa de *Um pequeno herói* quis apresentar a seus leitores apenas o tragicômico de um Fomá Fomitch para fazer rir e chorar o leitor, é desconhecer a pretensão da obra *dostoiévskiana*.

Em Rússia: uma história cultural¹, Orlando Figes descreve traços interessantes da cultura russa como por exemplo a tradição, que permeia toda a obra de Dostoiévski, dos ícones. Diz o historiador:

Em Moscóvia, o domínio da Igreja atrapalhou o desenvolvimento das formas artísticas seculares que se desenvolveram na Europa desde o Renascimento.

*Em vez delas, o ícone era o foco do modo de vida religioso de Moscóvia.
Além de obra de arte criativa, era um artefato ritual cotidiano.”*

Assim, em todo o mundo ocidental a cristandade se voltava para vitrais, catedrais, publicações e toda sorte de ornamentos ritualísticos, enquanto nas terras de Pedro, o Grande, o ícone permaneceu como único elemento visual artístico-religioso do povo cristão. Tudo está centrado neste elemento que é o primeiro a ser trazido, apesar de ter sido o champagne o primeiro a ser lembrado, após a benção matrimonial do casal no fim do livro.

Mais que o papel central do ícone na religiosidade russa, Dostoiévski representa uma característica por demais marcante na Rússia de seu tempo, o choque entre o estilo de vida do povo russo de origem camponesa e o cotidiano do russo europeizado. A Rússia do século XVIII e XIX vivia um contraste entre sua origem no interior do Oriente e sua caminhada rumo ao Ocidente. Quando Pedro I decretou o ponto onde deveria ser construída Petersburgo (Sankt-Peterburg), seu objetivo era estabelecer uma cidade portuária no Mar Báltico, voltando assim a Rússia do campo para a Europa, movendo seu império do passado para o futuro. Dessa forma se definiu todo o conjunto de diretrizes para a construção da nova pátria: arquitetura vinda da Itália, gastronomia trazida da França, decoração e arte alemãs e, do interior russo, o trabalho braçal que materializaria a cidade celestial de São Pedro em um brejo lamacento².

Essa contradição até mesmo geográfica deságua em um mar cultural que provocará choques no dia a dia de homens e mulheres que vivem de forma europeia ou russa, a depender de seu lugar na sociedade. Enquanto uma pequena parcela da sociedade russa era proprietária de terras, a grande massa popular era serva dessa aristocracia, e aqui temos um pequeno grupo de grande poder voltado para a Europa enquanto a massa popular volta-se para dentro da própria alma russa. Esse embate entre passado e futuro, natureza e progresso, alma e novo corpo, é o que

¹ FIGES. O. *Rússia: uma história cultural*. Editora Record. Rio de Janeiro, 2018. A obra de Orlando Figes, incluindo os livros sobre a Revolução e a Guerra na Criméia, são enriquecedores para o leitor de autores russos, uma vez que explica a origem e o cotidiano de traços comuns à literatura russa, como vestuário, música, o samovar e até mesmo a arquitetura e o urbanismo de Moscou e Petersburgo.

² A cidade de Petersburgo foi construída em um charco à margem do Rio Neva, o local era absolutamente impróprio para construção de qualquer edificação sólida uma vez que o solo arenoso tinha contato permanente com água, gerando assim um barro que não sustentava edificação alguma. Essa dificuldade teve de ser vencida com a importação de pedras em quantidade suficiente para se forma uma camada que chegava a ter 3 metros de altura, servindo de piso sobre o qual eram construídas as estruturas do que hoje pode ser visto por turistas de todo o mundo na capital cultural da Rússia.



leva um jovem *incrivelmente bonito* como Falaliei a ser reduzido a pó diante de toda a senhoria simplesmente por ter sido pego dançando o *Kamáinski*³. Todas essas contradições culturais e embates sociais são expostos na curta história que aqui temos a oportunidade de ler, sendo considerada pela crítica uma das histórias de menor importância de Fiódor Dostoiévski.

O romance na aldeia faz rir e provoca o leitor à ira com o personagem central da trama, o insano Fomá que junto com Raskólnikov (*Crime e Castigo*) e Míchkin (*O Idiota*) compõe o panteão dos deuses por demais humanos da literatura *dostoievskiana*. Se não recebeu honra e glória por parte da crítica, recebe aplausos e risos de leitores em todo o mundo por sua beleza e perfeição.

Fernando Melo
Brasília, 10 de abril de 2021

³ *Kamáinski* ou *Kamarinskaya*, dança popular russa que, por ser origem cossaca, envergonhava a burguesia europeizada da Rússia. Ver imagem parte do material complementar desta aula.